

# COMPORTAMENTO DE JOVENS DE UMA UNIVERSIDADE DO SUL DO BRASIL FRENTE À PREVENÇÃO DE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E GRAVIDEZ

*BEHAVIOR OF THE YOUNGS FROM A UNIVERSITY OF THE SOUTH OF THE BRAZIL FACE TO A PREVENTION OF THE DISEASES SEXUALLY TRANSMISSIBLE AND PREGNANCY*

*Fernanda G Souza<sup>1</sup>, Janaina C De Bona<sup>1</sup>, Dayani Galato<sup>2</sup>*

## RESUMO

**Introdução:** o comportamento sexual de jovens pode propiciar o aparecimento de DST/HIV e gravidez. **Objetivo:** analisar o comportamento de jovens de uma universidade do Sul do Brasil frente à prevenção de gravidez e DST. **Métodos:** foi realizado um estudo transversal com os dois primeiros semestres existentes de cursos pré-sorteados. Formou-se um grupo focal, com os líderes de turma, para a validação do instrumento da pesquisa e de percepção do tema. O questionário validado foi aplicado para os estudantes pertencentes aos cursos e que consentiram participar da pesquisa. Criou-se um banco de dados no programa EpiData e as análises estatísticas de associação foram realizadas no EpiInfo. **Resultados:** foram entrevistados 322 jovens entre 18 e 25 anos. De 305 estudantes, 86,9% eram sexualmente ativos. A primeira relação sexual ocorreu em média aos 16,4 anos e 77,1% a tiveram com o(a) namorado(a). O número de parceiros sexuais foi em média 2,6, sendo que o uso de preservativo na última relação sexual não foi referido por 36,4% dos entrevistados. Dos jovens com atividade sexual, 98,3% usavam algum método contraceptivo. Quanto ao método para prevenir DST, 32,8% referiram usar métodos como pílula do dia seguinte e coito interrompido. Foram encontradas associações significativas entre o gênero e o tipo de parceiro sexual da primeira relação; o gênero e o número de parceiros; o uso de preservativo e o tipo de parceiro e o uso de preservativo com o fato de ter recebido orientação médica. **Conclusão:** os jovens possuíam mais preocupação com gravidez que com prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

**Palavras-chaves:** doenças sexualmente transmissíveis, gravidez não-planejada, comportamento sexual, sexualidade

## ABSTRACT

**Introduction:** the sexual behavior of young can propitiate the appearance of DST/HIV and pregnancy. **Objective:** to analyze the behavior of the youngs from a University of the South of the Brazil, face to a prevention of the pregnancy and diseases sexually transmissible. **Methods:** it was accomplished a study transversal with the two first existing semesters from a course previously assorted. It was selected a focal group, with the leaders of the class, to the validation of the research instrument and perception of the theme. The questionnaire validated was applied to the students belonging at the courses and for people e that had assented to participate of the research. A data base in the EpiData program was created and the statistical analyses of association had been carried through in the EpiInfo. **Results:** it was interviewed 322 youngs between 18 and 25 years. The total of 305 students, 86.9% were sexually active. Their first sexual relation occurred on average to the 16.4 years and the other 77.1% (of 258 people) had the first sexual relation to his/her boyfriend. The number of sexual partners was on average 2.6 being that the use of condom in the last sexual relation was not observed in 36.4% of the interviewed ones. Of the youths with sexual activity, 98.3% they used some contraceptive method. As regards the methods for prevent DST, 32.8% referred to use methods as pill of the following day and interrupted coitus. Significant associations between genre had been found and the type of sexual partner of the first relation; genre and number of sexual partners; condom use and the type of partner and; use of condom with the fact to have received orientation medical. **Conclusion:** the youngs had greater concern with a pregnancy and do not know the methods that prevent the Sexually Transmittable Illnesses.

**Keywords:** sexually transmitted diseases, pregnancy unplanned, sexual behavior, sexuality

## INTRODUÇÃO

As questões da sexualidade na adolescência manifestam-se como tema pouco debatido pela sociedade e pelos serviços de saúde<sup>1</sup>. As doenças sexualmente transmissíveis (DST) são importantes causas de procura por estes serviços e podem provocar sérias complicações, como infertilidade, aborto espontâneo, malformações congênitas, infecções generalizadas e até mesmo morte, se não tratadas. Também aumentam a chance, em pelo menos dez vezes, de contaminação pelo HIV e são doenças de difícil detecção, uma vez que acarretam poucos sintomas visíveis e, muitas vezes, apresentam-se de forma assintomática<sup>2</sup>, fazendo com que indivíduos infectados possam inadvertidamente disseminar a doença sem saberem de sua condição<sup>3</sup>.

É em adolescentes que se encontra a maior incidência de DST e gravidez não-planejada, pelo fato de estes estarem iniciando cada vez mais cedo suas relações sexuais, com maior número de parceiros e com irregularidades no uso do preservativo<sup>4</sup>.

Aproximadamente 25% de todas as DST são diagnosticadas em jovens com menos de 25 anos<sup>5</sup> e este número só não é maior porque a maioria (70%) dos jovens com DST busca tratamento em farmácias, onde estes casos não são notificados<sup>4-6</sup>. No mundo, mais de 25% dos novos casos de infecção pelo HIV ocorrem em jovens com menos de 22 anos<sup>7</sup>. Estudos mostram que o perfil epidemiológico da síndrome da imunodeficiência adquirida (aids) é constituído de heterossexuais, mulheres e pessoas de baixa renda<sup>8</sup>.

Embora os adolescentes tenham maior conhecimento sobre as DST que os adultos, o grau de conhecimento ainda é considerado baixo<sup>9</sup>. O aumento das DST em adolescentes está ocorrendo no mesmo período em que surge o crescimento da gravidez na adolescência. Estima-se que no Brasil, a cada ano, um milhão de

<sup>1</sup>Acadêmicas do Curso de Farmácia – Habilitação em Análises Clínicas

<sup>2</sup>Professora do Curso de Farmácia – Núcleo de Pesquisa em Atenção Farmacêutica e Estudos de Utilização de Medicamentos – Universidade do Sul de Santa Catarina

adolescentes entre 10 e 20 anos dão à luz, o que corresponde a 20% dos nascidos-vivos<sup>9</sup>.

A gravidez em jovens enfatiza uma questão de caráter social, quando se parte do pressuposto que existe a incapacidade fisiológica para gestar e a incapacidade psicológica para criar. Neste caso, a gestação tem grande possibilidade de ser encarada como indesejável, com conseqüências biológicas, psicológicas e sociais negativas<sup>10</sup>.

O uso do preservativo é uma forma de prevenção eficaz tanto para as DST quanto para a gravidez não-planejada. No entanto, apesar do aumento da freqüência no uso do preservativo entre jovens, o uso consistente ainda é infreqüente, principalmente nas relações eventuais e não-programadas<sup>4,11</sup>. O preservativo masculino é o método mais conhecido contra DST e gravidez entre os jovens, mas, no entanto, um estudo brasileiro constatou que apenas um terço deles ou menos usa preservativo sempre, sendo que a maior preocupação é com uma gravidez não-planejada<sup>4</sup>.

Tanto as DST quanto a gravidez na adolescência constituem um problema de saúde pública, onde o processo educacional e informativo são os meios mais importantes pelos quais se pode combater a desinformação e tentar reverter ou minimizar estes contextos<sup>12</sup>. Problema este que também ocorre em outras parcelas da população e que não tem sido instrumento de pesquisas. Desta forma, este trabalho teve por objetivo analisar o comportamento de jovens adultos de uma universidade do Sul do Brasil frente à prevenção de DST e gravidez.

## MÉTODOS

Foi realizado um estudo transversal com os alunos matriculados nos dois primeiros semestres existentes dos cursos da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

A UNISUL está localizada na Região Sul de Santa Catarina, a 130 quilômetros da capital do estado, Florianópolis. É uma universidade particular composta por 42 cursos de graduação e que possui um total de 8.261 universitários.

Os cursos participantes do estudo foram selecionados por um processo de amostragem que sorteou dois cursos de cada uma das quatro áreas já pré-definidas na UNISUL, as quais são: Comunicação, Educação e Expressão; Gestão e Jurídicas; Saúde; e Tecnológicas.

A amostra totalizou oito cursos e abrangeu 16 turmas. Neste estudo, os cursos de Biologia e Letras foram os sorteados para representar a área de Comunicação, Educação e Expressão, enquanto os sorteados para representar a área Gestão e Jurídicas foram as graduações de Direito e Serviço Social. A área da Saúde estava representada pelos cursos de Psicologia e Educação Física e as graduações de Arquitetura e Urbanismo e Ciência da Computação eram os representantes da área Tecnológica. A pesquisa foi realizada com permissão da coordenação de cada curso.

O trabalho foi desenvolvido em duas etapas: na primeira foi realizado o grupo focal com o objetivo de validar o instrumento da pesquisa e identificar a percepção dos líderes das turmas sorteadas sobre o tema. Na segunda, realizou-se a aplicação do instrumento para avaliar a sexualidade dos jovens universitários.

### Grupo focal para validação do instrumento e percepção sobre o tema

O instrumento da coleta de dados foi construído pelos proponentes da pesquisa por meio da leitura de artigos sobre o tema e de questionários aplicados para finalidades semelhantes<sup>13,14</sup> e foi validado com a realização de um grupo focal com os líderes dos cursos sorteados. Durante o processo de validação foi analisado o conteúdo do questionário e sua auto-aplicabilidade (grau de compreensão das questões), onde este foi considerado de fácil auto-aplicação, sendo apenas realizadas pequenas modificações por sugestão do grupo.

Na sessão do grupo focal também foram apresentadas quatro questões norteadoras: 1) Que situações contribuem para o risco de DST/aids? 2) Que situações favorecem para a prevenção de DST/aids? 3) Como identificar uma DST/aids? 4) O que você acha de uma gravidez nesta etapa da sua vida?

Os critérios de inclusão para a participação no grupo focal eram o de ser líder de turma e de consentir em participar da pesquisa. Os acadêmicos permitiram a gravação em áudio, que garantiu a fidedignidade das informações obtidas.

### Aplicação do questionário para a avaliação da sexualidade dos jovens universitários

A coleta de dados foi realizada entre os meses de março e abril de 2007. Foram considerados sujeitos da pesquisa os alunos regularmente matriculados nos cursos sorteados, que possuíam mais de 18 e menos de 25 anos, que aceitassem participar da pesquisa e que estivessem em sala de aula no momento da apresentação do trabalho e da coleta de dados.

O questionário foi aplicado a 516 sujeitos, sendo que, destes, 95 foram excluídos por se tratarem de indivíduos menores de 18 anos de idade; 62 maiores de 25 anos; 18 que estavam matriculados em outros semestres que não os em estudo; dois que eram de cursos que não foram os sorteados e, 17 que não completaram as informações referentes aos critérios de inclusão da amostra. A amostra foi composta por 322 jovens.

O instrumento desenvolvido foi estruturado com questões fechadas e pré-codificadas. As variáveis sócio-econômico-culturais coletadas incluíram idade, gênero, estado civil, renda familiar (segundo a Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa<sup>15</sup>), procedência, tipo de escola que concluiu o segundo grau, uso de drogas e hábito de ingerir bebidas alcoólicas.

As variáveis relacionadas à sexualidade incluem o comportamento e a idade de início da vida sexual, número de parceiros, freqüência das relações sexuais, número de filhos e gestações, ocorrência de doenças sexualmente transmissíveis, sintomas nos órgãos sexuais, uso de contraceptivos e abordagens acerca do conhecimento sobre métodos que previnem DST e gravidez, entre outras questões como a que indagava a qualidade da relação com os pais.

O questionário auto-aplicado não possuía dados de identificação pessoal e depois de preenchido pelos universitários, era depositado em uma urna lacrada para garantir o sigilo das informações.

### **Análise dos dados**

Os discursos obtidos no grupo focal foram transcritos e categorizados com objetivo de identificar a percepção sobre o tema sexualidade.

Os dados coletados com o instrumento da pesquisa foram posteriormente digitados em um banco de dados criado no EpiData<sup>16</sup> e convertido ao módulo Analysis do programa EpiInfo<sup>17</sup> para a realização das análises estatísticas. Os resultados foram apresentados utilizando a estatística descritiva.

O teste qui-quadrado foi usado para estabelecer a significância das associações. Sendo avaliadas a relação entre o uso do preservativo com o tipo de parceiro (fixo e eventual); com o fato de ter ido ao médico; com o uso de drogas; com o tipo de ensino do segundo grau; e com o gênero. Também se avaliou a relação entre o gênero com o número de parceiros e o tipo do mesmo na primeira relação sexual (namorado e outros).

### **Critérios éticos**

Este trabalho possui aprovação do comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Sul de Santa Catarina, sendo solicitado a todos os participantes a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

## **RESULTADOS**

### **Percepção dos líderes de turma sobre o tema**

Participaram do grupo focal seis líderes de turma. Destes, quatro tinham 18, um 21 e outro 58 anos, que juntos formaram um grupo composto por três homens e três mulheres. Dos participantes, um pertencia à área da Saúde, um à área Tecnológica, um à Gestão e Jurídicas e três à de Comunicação, Educação e Expressão.

Foi perceptível a preocupação que os líderes tiveram com relação à gravidez não-planejada, por não possuírem estruturas emocionais e econômicas para educarem uma criança. Não tendo um preparo psicológico para isto, um dos participantes falou: “É um absurdo, não iria ter como sustentar um bebê, só tenho 18 anos, acabei de entrar na Universidade e dependo dos meus pais.” Outro participante concluiu: “Tem que ter uma situação estável para ter um bebê, seria bem complicado pagar a faculdade e sustentar um filho.”

O cuidado com as DST não teve muita ênfase, pois os estudantes relataram que atualmente existem medicamentos que curam e amenizam as doenças. “Acredito que o maior problema é saber que existe remédio, onde as pessoas já sabem que têm como se tratar ou se curar e então deixam de se cuidar.”

Reconhecem que são bem informados, mas dizem: “O momento da relação sexual é uma situação forte, as pessoas na hora sentem-se pressionadas a não usarem preservativo, prevalecendo o poder da persuasão.” Os alunos citaram várias vezes o poder de persuasão que o companheiro(a) tem para que não se use preservativo na hora de uma relação sexual. “A informação não é pouca, hoje só o momento que conta.”

Também foram citadas como situações de risco para DST ou gravidez não-planejada as festas como o carnaval, a diminuição

do uso de preservativo depois do casamento e a traição em um relacionamento estável.

Os jovens relataram que abrem mão do uso do preservativo quando conhecem e confiam no parceiro(a), porém o conhecer é o “namorar” e não o “ficar”; “... hoje não se tem mais o namoro para que se possa conhecer bem o parceiro, agora existe o ficar, que pode ser só um momento e que já acontece tudo”.

Uma das participantes lamentou o fato de não ter tido diálogo sobre sexualidade com a sua família: “Minha família nunca conversou comigo sobre a primeira vez e a vida sexual, eu tive que buscar informações sozinha com o médico”. Em contrapartida, um dos participantes tem uma filha jovem, que teve uma gravidez não-planejada mesmo com muito diálogo, e disse então: “Eu sofro na pele a situação dos jovens. Minha filha me chamava de careta mais hoje reconhece que eu estava certo. O filho tem que obedecer.”

O grupo era bem informado sobre o tema, valorizou muito o diálogo com a família e a busca de informações. No entanto, nem todos souberam definir sintomas indicativos de DST, tendo algumas dificuldades quanto à identificação de uma doença sexualmente transmissível. Quando indagado sobre como identificar uma DST, um dos participantes respondeu: “Sintoma eu não sei informar nenhum. Alguns casos demoram a aparecer os sintomas, outros a pessoa emagrece.” Outro participante ainda completou: “...pode ficar sem sintomas por anos, devendo atentar para gripes mal curadas e doenças que aparecem devido ao sistema imune debilitado.” Os sintomas referidos pelos demais participantes foram feridas ou bolhas no órgão genital, corrimento, coceira, ardência e vermelhidão.

É importante ressaltar que somente uma das participantes deixou bem claro que sempre fez uso do preservativo em todas as suas relações sexuais, e que ainda para ter certeza da prevenção de uma gravidez, faz uso também de pílulas anticoncepcionais. “Sou noiva há três anos e sempre uso preservativo e contraceptivo oral, penso em mim, eu quero a minha proteção acima de tudo”.

### **Avaliação da sexualidade dos jovens universitários**

A análise foi baseada nas respostas de 322 jovens, onde todos tinham direito de ignorar as perguntas e deixá-las em branco, caso julgassem mais apropriado.

#### **• Perfil dos entrevistados**

A média de idade dos 322 participantes foi de 19,6 (DP = 2,018), variando de 18 a 25 anos, sendo que destes, 67,3% eram do gênero feminino. O número de participantes de cada uma das quatro áreas da universidade e outros dados de perfil estão descritos na **Tabela 1**.

No momento da pesquisa, 60,8% dos entrevistados eram apenas estudantes e 39,2% relataram receber algum tipo de renda proveniente do seu trabalho ou pensão.

Dos estudantes, 91,3% relataram residir com a família. Em 289 jovens, o relacionamento com o pai foi definido como ótimo ou bom por 92,0%. Já com as mães, dos 310 entrevistados que responderam a esta questão, 96,8% referiram ter uma relação ótima ou boa.

**Tabela 1** – Dados do perfil dos jovens universitários entrevistados

Características	Número absoluto	Número relativo (%)
Gênero (n = 318)		
Masculino	103	32,4
Feminino	214	67,3
Transgênero	1	0,3
Áreas (n = 322)		
Saúde	73	22,7
Tecnologia	52	16,1
Gestão Jurídica	88	27,3
Comunicação, Educação e Expressão	109	33,9
Concluiu o ensino médio (n = 318)		
Colégio privado (ensino regular)	88	27,7
Colégio público (ensino regular)	219	68,8
Supletivo	11	3,5
Renda – segundo ABEP* (n = 237)		
A (R\$ 4.648,00 a R\$ 7.793,00)	43	18,1
B (R\$ 1.669,00 a R\$ 2.804,00)	127	53,6
C (R\$ 927,00)	61	25,8
D (R\$ 424,00)	6	2,5
E (R\$ 207,00)	0	0,0
Bebidas alcoólicas (n = 303)		
Diário	6	2,0
Fins de semana	141	46,5
Esporadicamente	94	31,0
Nunca	62	20,5
Usa ou usou drogas (n = 304)		
Sim	157	51,6
Não	147	48,4
Tipo de drogas (n = 157)		
Álcool	54	34,4
Álcool com outras substâncias	83	52,9
Outras substâncias	20	12,7

Perfil de 322 jovens (322 - n = dados perdidos)

\* Associação Brasileira de Empresas e Pesquisa<sup>15</sup>

#### • Sexualidade dos entrevistados

No que se refere ao comportamento sexual (**Tabela 2**), a grande maioria dos 292 entrevistados referiram ser heterossexuais (97,6%), enquanto apenas 1,7% referiram ser homossexuais e 0,7% ser bissexuais. Dos 310 jovens, 48,4% referiram ser solteiros e não possuírem parceiros e, 46,4% disseram ser solteiros, mas que atualmente possuíam parceiros sexuais. Apenas 5,2% dos estudantes referiram já terem contraído matrimônio até o momento da pesquisa.

A idade média da primeira relação sexual é de 16,4 anos (DP = 1,904), variando entre 10 e 25 anos. O número de parceiros sexuais variou entre 1 e 18, sendo a média de 2,6 (DP = 2,959). As frequências das relações sexuais encontram-se na **Tabela 2**.

Entre 309 jovens, encontraram-se sete (2,3%) gestantes e entre 317 participantes da pesquisa, 13 (4,1%) referiram que já possuíam filhos, sendo que destes últimos, 15,4% possuíam filhos com parceiros (as) diferentes.

Dos estudantes, 27,7% (85) disseram já ter sentido algum sintoma indicativo de DST, porém apenas cinco reconheceram já ter

diagnosticado algumas destas doenças. Quando indagados a respeito do parceiro(a), 13,8% de 181 acadêmicos responderam que já desenvolveram algum sintoma relacionado com DST.

Ainda com relação às DST, de 314 jovens, 172 responderam ter obtido seu conhecimento acerca deste assunto por meio da escola, dos pais, da televisão, dos profissionais de saúde e da busca de informações em veículos como livros, revistas e internet.

De um número de 295 universitários, a maioria (90,2%) acredita que é adequado utilizar preservativo em uma relação estável. De 247 entrevistados, 63,6% referiram ter usado preservativo na última relação sexual e 36,4% afirmaram não ter feito uso do preservativo em sua última relação sexual.

O preservativo foi citado como o método contraceptivo mais conhecido (98%) entre os jovens. A maioria (53,3%) referiu ter seu conhecimento acerca do contraceptivo escolhido com base em informações médicas.

As associações realizadas entre as variáveis estão apresentadas na **Tabela 3**.

**Tabela 2** – Dados da sexualidade dos jovens universitários entrevistados

Características	Número absoluto	Número relativo (%)
Iniciou as relações sexuais (n = 305)		
Sim	265	86,9
Não	40	13,1
Parceiro(a) na primeira relação sexual (n = 258)		
Namorado	199	77,1
Amigo	50	19,4
Profissional do sexo	3	1,2
Outros	6	2,3
Frequência das relações sexuais (n = 236)	17	7,2
Diária 2 a 3 vezes na semana	93	39,4
Mensal	24	10,2
Esporádica	79	33,5
Não sabe	14	5,9
Outros	9	3,8
Sintomas indicativos de DST (n = 307)		
Feridas no órgão sexual	5	1,7
Corrimento no canal urinário	23	7,5
Coceira do órgão sexual	31	10,1
Corrimento e coceira	21	6,8
Outros	5	1,6
Nunca teve	211	68,7
Não sabe	11	3,6
Teve ou tem alguma DST/aids (n = 313)		
Sim	5	1,6
Não	301	96,2
Não sabe	7	2,2
Métodos que usam para evitar DST (n = 265)		
Preservativo	165	62,3
Preservativo com outros métodos*	58	21,9
Somente outros métodos*	29	10,9
Não usam nada	13	4,9
Métodos que conhecem para prevenir DST (n = 290)		
Preservativo	181	62,4
Preservativo com outros métodos*	105	36,2
Somente outros métodos*	4	1,4
Uso de preservativo com parceiro(a) fixo (n = 215)		
Sempre, durante toda relação	137	63,7
Sempre, apenas para ejaculação	19	8,9
Não uso	59	27,4
Uso de preservativo com parceiro (a) eventual (n = 143)		
Sempre, durante toda relação	120	84,0
Sempre, apenas para ejaculação	10	7,0
Não uso	13	9,0
Métodos contraceptivos que usam (n = 241)		
Preservativo	84	34,8
Preservativo com outros métodos*	67	27,8
Somente outros métodos*	86	35,7
Não usam nada	4	1,7
Conhecem como método contraceptivo (n = 307)		
Preservativo	301	98,0
Outras opções*	6	2,0

Perfil de 322 jovens (322 - n = dados perdidos); \* Pílula do dia seguinte, coito interrompido, Dispositivo intra-uterino (DIU), espermicidas e/ou anticoncepcionais

**Tabela 3** – Associação entre variáveis e sua significância

Características	Qui-quadrado	$p^1$
Uso do preservativo/Tipo de parceiro (fixo e eventual)	90,09	0,0000*
Uso do preservativo/Usos de drogas	0,75	0,3872
Uso do preservativo/Adquirir informações com médico	20,30	0,0001*
Uso do preservativo/Gênero	5,00	0,0821
Uso de preservativo/Tipo de ensino onde concluiu o segundo grau	1,69	0,4292
Tipo de parceiro (namorado(a) ou outro) na primeira relação sexual/Gênero	56,49	0,0000*
Número de parceiros/Gênero	38,76	0,0002*

<sup>1</sup> Nível de significância; \* considerando associação significante quando  $p > 0,05$

## DISCUSSÃO

Observa-se que os estudantes que participaram da sessão de grupo focal manifestaram grande preocupação com relação à gravidez neste período de suas vidas, porém esta mesma preocupação não foi manifestada com relação ao contágio por uma DST. Como constataram Longo e Pereira<sup>1</sup>, em sua pesquisa de evolução da população adolescente brasileira, o uso de contraceptivos pode estar principalmente relacionado com o medo de uma gravidez não desejada, sendo que contrair uma DST não é um fato tão preocupante para os adolescentes. Esta falta de preocupação pode estar relacionada, segundo a percepção dos líderes de turma, com o fato de as DST possuírem “remédios”, o que deve ser esclarecido com relação à aids.

Como referiu Taquette *et al.*<sup>4</sup> em seu estudo realizado com 356 adolescentes atendidos no Núcleo de Estudos da Saúde do Adolescente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a atividade sexual dos adolescentes geralmente não é programada. Este fato, aliado ao poder de persuasão, descrito pelos participantes do grupo focal, que o(a) parceiro(a) pode exercer no momento de uma relação sexual, leva ao uso infrequente do preservativo, contribuindo para o aumento do número de DST e gravidez.

Quanto à classe econômica, a maioria dos jovens pertencem à classe média da população, sendo a classe B a de maior prevalência entre os entrevistados. A maior parte dos indivíduos reside com sua família e são apenas estudantes. O fato de grande parte dos entrevistados pertencerem à classe média da população tem relação direta com o grande número encontrado de jovens que apenas estudam e não possuem nenhum tipo de renda.

Em uma pesquisa realizada com estudantes de um colégio de segundo grau da cidade de São Paulo, Scivoletto<sup>18</sup> estudou a relação entre o consumo de drogas e o comportamento sexual de adolescentes entre 11 e 21 anos e, comparando o comportamento sexual de usuários e não-usuários de drogas ilícitas, constatou que os usuários apresentaram maior incidência de comportamentos sexuais de risco para DST. De acordo com este mesmo autor<sup>18</sup>, os usuários de drogas ilícitas iniciam sua vida sexual mais cedo e possuem menor uso de preservativo durante suas relações sexuais. Tripp e Viner<sup>19</sup>, em um estudo realizado no Reino Unido com meninas sexualmente ativas, entre 13 e 19 anos, e Miranda *et al.*<sup>20</sup>, em uma pesquisa efetuada com adolescentes do sexo feminino, entre 15 e 19 anos de uma região de

Vitória (Brasil), também constataram que o uso de substâncias ilegais constitui um fator de risco para o contágio por DST.

Dos jovens universitários entrevistados, aproximadamente metade dos estudantes faz ou já fez uso de drogas, sendo que a maioria dos jovens relatou possuir o hábito de beber, no mínimo, nos finais de semana. No entanto, a associação estatística entre fazer uso destas substâncias e não usar preservativo, descrita pelos autores anteriormente citados<sup>19,20</sup>, não foi encontrada neste estudo.

A maior parte dos jovens referiu já ter iniciado sua vida sexual até o momento da pesquisa. A média de idade da primeira relação sexual foi de 16,4 anos, igualando-se aos resultados apresentados por Taquette *et al.*<sup>4</sup>, que também observaram a mesma idade média nos 356 indivíduos de sua pesquisa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Em ambos os trabalhos, a maioria dos jovens relatou ter iniciado suas relações sexuais com o(a) namorado(a). É importante salientar que a primeira relação sexual entre os adolescentes determina o início da exposição ao risco de uma gravidez e das DST, incluindo a aids<sup>1</sup>.

Os tipos de parceiros mais citados na primeira relação sexual dos jovens entrevistados foram namorados(as) e amigos(as), sendo que se encontrou associação significativa entre esta variável e o gênero. As jovens entrevistadas, quando comparadas aos universitários do sexo masculino, tiveram sua primeira relação sexual mais com namorado, enquanto os jovens entrevistados tiveram as amigas como parceiras mais frequentes na primeira relação. Três estudantes do sexo masculino afirmaram ter uma profissional do sexo como parceira sexual na primeira relação, sendo que nenhuma das moças referiu este tipo de parceria.

Resultados semelhantes a este foram encontrados no estudo de Taquette *et al.*<sup>4</sup> com adolescentes da cidade do Rio de Janeiro, que também constataram que um maior número de moças havia iniciado suas relações sexuais com namorado, enquanto um número maior de rapazes havia tido sua primeira relação sexual com uma amiga. Também no estudo de Coutinho *et al.* (2006) foi identificado o mesmo tipo de parceiro na primeira relação sexual dos jovens investigados.

O número de parceiros(as) sexuais dos entrevistados foi em média 2,6. De acordo com o estudo de Taquette *et al.*<sup>4</sup>, a multiplicidade de parceiros é um fator de risco relevante para o contágio por DST.

Neste estudo encontrou-se associação significativa entre o número de parceiros sexuais na vida toda e o gênero, onde os

entrevistados do sexo masculino relataram possuir maior número de parceiros que as jovens entrevistadas. Este resultado foi confirmado pela pesquisa de Taquette *et al.*<sup>4</sup>, que constataram maior número de parceiros sexuais nos adolescentes do que nas adolescentes.

Apenas 62,3% dos jovens relataram utilizar preservativo durante suas relações sexuais para a prevenção de DST. Azevedo e Abdo<sup>22</sup>, em uma pesquisa realizada com adolescentes de uma escola de São Paulo, constataram que metade dos entrevistados que já haviam iniciado suas relações sexuais não faz uso do preservativo. No entanto, o uso de preservativo previne as DST quando é utilizado durante todo o ato sexual, o que nem sempre ocorre com os entrevistados desta pesquisa.

Correlacionando o uso de preservativo com parceiro fixo e eventual, percebe-se que o uso do preservativo é mais freqüente nas relações eventuais, sendo possível supor que a estabilidade do relacionamento propicie um maior tempo para a negociação do uso de contraceptivo entre os parceiros e que a tendência é ocorrer à flexibilização do uso do preservativo quando o parceiro é conhecido e se torna estável. Esta flexibilização também foi observada nos relatos dos líderes de turma durante o grupo focal e em outros estudos<sup>23, 24</sup>.

A associação entre o uso do preservativo para prevenir uma gravidez e o fato de ter adquirido informações sobre contraceptivos com um médico mostrou-se significativa. Por meio deste resultado, pode-se sugerir que o fato de ir ao médico tem influência positiva sobre o efetivo uso do preservativo. No entanto, não houve diferença entre o gênero e o uso de preservativo.

Azevedo e Abdo<sup>22</sup> ainda observaram, em sua pesquisa, que os adolescentes têm informações insuficientes sobre fertilidade, métodos contraceptivos e prevenção de DST, pois quase a totalidade dos entrevistados sabe que o preservativo previne as DST, contudo, aproximadamente metade dos estudantes se equivoca ao considerar que a pílula anticoncepcional também previne estas doenças. Este resultado assemelha-se ao encontrado neste estudo, pois um número significativo de jovens demonstrou desconhecer quais métodos realmente previnem uma DST. Aproximadamente um terço dos universitários, quando indagados sobre quais métodos conhecem para evitar estas doenças, responderam alternativas como pílula do dia seguinte, coito interrompido, dispositivo intra-uterino (DIU), espermicidas e pílulas anticoncepcionais, demonstrando que desconhecem que o único método que realmente previne as DST é o preservativo. Este fato ainda é confirmado pelo número de jovens (32,8%) que referiram usar estes outros métodos para a prevenção destas doenças.

Este resultado indica que existe maior preocupação com uma gravidez e, talvez, a visão apresentada pelos líderes de turma quando afirmam que para DST não se realizam os devidos cuidados porque sabem que existem “remédios”, pode representar também a percepção desta parcela dos entrevistados que desconhecem ou não adotam maneiras para prevenir DST.

Um estudo realizado por Martins *et al.*<sup>7</sup>, com adolescentes de escolas públicas e privadas da cidade de São Paulo revelou maior prevalência do uso de preservativo na primeira relação sexual e maior conhecimento sobre DST nos estudantes das escolas particulares. Porém, de acordo com resultados obtidos no trabalho

realizado nesta universidade, deve-se ressaltar que não foi observada diferença significativa com relação ao tipo de escola de conclusão do ensino médio.

Quando se parte do pressuposto que 85 jovens disseram já ter algum sintoma indicativo de DST, mas que apenas cinco afirmaram já ter realmente contraído alguma dessas doenças, seria impreciso afirmar que os jovens não sabem identificar os sinais de uma DST como tais, pois apesar de isto poder ser uma hipótese possível, não se deve deixar de levar em consideração que os sintomas relatados pelos jovens podem ser de outros problemas relacionados com os órgãos sexuais, como, por exemplo, corrimentos e coceiras durante infecções genitais não-associadas à transmissão sexual. No entanto, vários autores<sup>4,6,25</sup> reforçam que muitas vezes as DST não são diagnosticadas e nem notificadas, pois acabam sendo contornadas pela automedicação.

Com relação aos métodos contraceptivos, a pílula do dia seguinte e o preservativo foram os de uso mais difundido entre os jovens. Mais uma vez, confirma-se a preocupação que os universitários apresentam em relação a uma gravidez não-planejada, pois um número muito pequeno de indivíduos relatou não utilizar nada. Acredita-se que o uso da pílula do dia seguinte tenha sido tão citado em função das relações sexuais deste público nem sempre serem planejadas, como relatado por diversos autores<sup>4,11</sup>, e, reforçando esta hipótese, observa-se no discurso dos líderes de turma: “*O momento da relação sexual é uma situação forte, as pessoas na hora sentem-se pressionadas a não usarem camisinha, prevalecendo o poder da persuasão.*”

Levando em consideração a faixa etária estudada e o fato de os jovens apresentarem grande preocupação com relação a uma gravidez, o número encontrado de estudantes que já possuíam filhos e a quantidade de universitários que afirmaram ter os mesmos com parceiros diferentes é um dado relevante, pois a promiscuidade existente nas relações sexuais aumenta o risco de contágio por DST.

As informações obtidas com os profissionais de saúde, a televisão e a busca de informações foram as maneiras de adquirir conhecimento sobre sexualidade mais referidas pelos jovens. No entanto, deve-se ressaltar que o conhecimento destes quanto à prevenção de DST ainda é limitado, já que eles têm maior preocupação em prevenir uma gravidez e desconhecem os métodos que realmente previnem as DST.

Cabe destacar que neste trabalho não foi realizada uma avaliação para verificar se o conhecimento dos universitários é superior ao dos sujeitos de outros estudos; no entanto, observou-se que mesmo nesta população, que a princípio representa uma parcela privilegiada da população brasileira, o conhecimento e a prática da sexualidade devem ser mais bem trabalhados. Desta forma, ressalta-se a importância de educação em saúde abordando este tema não somente nas escolas, mas também nas universidades, onde este tema ainda se mostra bastante pertinente, segundo os dados desta pesquisa.

O risco de adquirir DST ainda é bastante evidente entre os jovens e o conhecimento sobre os métodos contraceptivos que previnem estas doenças é fundamental para que eles possam vivenciar o sexo de maneira adequada e saudável, assegurando a prevenção da gravidez indesejada e das doenças. A educação e a

informação sobre como prevenir as DST são necessárias para o controle das mesmas, pois aumentam a percepção do risco e estimulam mudanças no comportamento sexual, contribuindo de forma mais efetiva para a adoção de práticas sexuais cada vez mais seguras nesta população.

## Agradecimentos

Agradecemos aos coordenadores dos cursos sorteados por permitirem que realizássemos esta pesquisa com os estudantes e, também, aos universitários que participaram do grupo focal e aos que responderam o instrumento da pesquisa.

Agradecemos, ainda, às professoras Fabiana Schuelter Trevisol e Silvana Cristina Trauthman, por terem realizado a correção deste artigo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Longo LAFB, Pereira APFV. Políticas Populacionais: Políticas de Saúde Sexual e Reprodutiva do Adolescente no Brasil 2006. Disponível em: <http://72.14.205.104/search?q=cache:LuYJxAnjpsJ:www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/Posteres/Pol%C3%ADticas%2520Populacionais%2520-%2520Pol%C3%ADticas%2520de%2520Sa%C3%BAde%2520Sexual%2520e....pdf+Sa%C3%BAde+e+Juventude:+o+cen%C3%A1rio+das+Pol%C3%ADticas+P%C3%ABlicas+no+Brasil.&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2&gl=br> – Acessado em 20/08/2006.
2. Carret MLV, Fassa AG, Silveira DS, Bertoldo AD, Hallal PC. Sintomas de doenças sexualmente transmissíveis em adultos: prevalência e fatores de risco. *Rev Saúde Pública* 2004; 38 (1): 76-84.
3. Codes JS, Cohen DA, Melo NA, Teixeira GG, Leal AS, Silva TJ et al. Detecção de Doenças Sexualmente Transmissíveis em ambientes clínicos e não clínicos na Cidade de Salvador, Bahia, Brasil. *Cad Saúde Pública* 2006; 22 (2): 325-334.
4. Taquette S, Vilhena M, Paula M. Doenças sexualmente transmissíveis e gênero: um estudo transversal com adolescentes no Rio de Janeiro. *Cad Saúde Pública* 2004; 1(20): 282-290.
5. Naves JOS, Merchan-Hamann E, Silver LD. Orientação farmacêutica para DST: uma proposta de sistematização. *Ciênc Saúde Coletiva* 2005; 10(4): 1005-1014.
6. Programa Estadual de DST/Aids de São Paulo. Programa Estadual de SP realiza evento DST/aids: 10 anos de resposta conjunta. Disponível em: <http://www.agenciaaids.com.br/noticias-resultado.asp?Codigo=3839-21k> – Acessado em 30/02/2007.
7. Martins LBM, Costa-Paiva LHS, Osis MJD, Sousa MH, Pinto-Neto AM, Tadini V. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/aids em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. *Cad Saúde Pública* 2006; 22 (2): 315-323.
8. Taquette SR, Andrade RB, Vilhena MM, Paula MC. A relação entre as características sociais e comportamentais da adolescente e as Doenças Sexualmente Transmissíveis. *Rev Assoc Med Bras* 2005; 51 (3): 148-152.
9. Duarte A. Gravidez na adolescência. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998. In: Nunes SOB, Abreu RE, Hidrata AL, Nunes MVA, Franco RM, Barbosa LR. Determinação dos diagnósticos de depressão, tentativa de suicídio, gravidez, vírus da imunodeficiência humana (HIV) e doenças sexualmente transmissíveis (DST) em adolescentes e adultos jovens. *Ciênc Biol Saúde* 2005; 26 (2): 109-118.
10. Aquino EML, Heilbom ML, Knauth D, Bazon M, Almeida MC, Araújo J et al. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. *Cad Saúde Pública* 2003; 19: 377-389.
11. Geluda K, Bosi MLM, Cunha AJLA, Trajman A. “Quando um não quer, dois não brigam”: um estudo sobre o não uso constante de preservativo masculino por adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cad Saúde Pública* 2006; 22 (8): 167-1680.
12. Gir E, Moriya TM, Robazzi MLCCR, Oliveira MHP, Bueno SMV, Machado AA. Doenças sexualmente transmissíveis: conceitos, atitudes e percepções entre coletores de lixo. *Rev Saúde Pública* 1991; 25 (3): 226-229.
13. Ribeiro EJC. Saúde reprodutiva e sexualidade entre os estudantes da UNOESC Joaçaba - SC. Faculdade de saúde pública da Universidade de São Paulo; 2005.
14. Brasil. Programa Nacional de DST/Aids. Preparação para testes com microbicidas ou vacinas contra HIV/aids. Caracterização preliminar de potencial sítio de testes, Brasília: PNDST/AIDS; 2004.
15. Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. Critério de classificação Econômica do Brasil. Disponível em: [http://www.abep.org/codigosguias/ABEP\\_CCEB.pdf](http://www.abep.org/codigosguias/ABEP_CCEB.pdf) - Acessado em 15/10/2006.
16. Lauristen JM. EpiData Data Entry. Data management and basic statistical analysis system, versão 3.0. Odense: EpiData Association; 2000.
17. CDC Centers for Disease Control and Prevention. Epi Info™ versão 3.32. Atlanta: CDC; 2005.
18. Scivoletto S, Tsuji RK, Abdo CHN, Queiroz S, Andrade AG, Gattaz WF. Relação entre consumo de drogas e comportamento sexual de estudantes de 2º grau de São Paulo. *Rev Bras Psiquiatr* 1999; 21 (2): 87-94.
19. Tripp J & Viner R. Sexual health, contraception, and teenage pregnancy. *Clinical review* 2005; 330: 590-593.
20. Miranda AE, Gadelha AMJ, Szwarcwald CL. Padrão de comportamento relacionado às práticas sexuais e ao uso de drogas de adolescentes do sexo feminino residentes em Vitória, Espírito Santo, Brasil 2002. *Cad Saúde Pública* 2005; 21(1): 207-216.
21. Coutinho, MPL, Saldanha, AAW, Azevedo, RLW. Uso de preservativo na primeira relação sexual: mito ou realidade? *J bras Doenças Sex Transm* 2006; 18 (2): 124-129.
22. Azevedo GE, Abdo CHN. Adolescentes de classe média de nível educacional básico: prática y conocimiento de la sexualidad. Disponível em: <http://pediatriasopaulo.usp.br/upload/html/1177/body/06.htm> - Acessado em 05/02/2007.
23. Almeida MCC, Aquino EML, Gaffikin L, Magnani RJ. Uso de contracepção por adolescentes de escolas públicas na Bahia. *Rev Saúde Pública* 2003; 37(5): 566-576.
24. Griep RH, Araújo CLF, Batista SM. Comportamento de risco para a infecção pelo HIV entre adolescentes atendidos em um centro e aconselhamento em DST/aids no Município do Rio de Janeiro, Brasil. *Epid Serviço Saúde* 2006; 14(2): 119-126.
25. Programa Nacional de DST e Aids. Disponível em: [http://www.aids.gov.br/assistencia/mandst99/man\\_controle.htm-19k](http://www.aids.gov.br/assistencia/mandst99/man_controle.htm-19k) - [http://www.aids.gov.br/assistencia/mandst99/man\\_controle.htm-19k](http://www.aids.gov.br/assistencia/mandst99/man_controle.htm-19k) - Acessado em: 30/02/2007.

### Endereço para correspondência:

**DAYANI GALATO**

Avenida José Acácio Moreira, 787 – Bairro Dehon – Tubarão, SC.

CEP: 88704 - 900

Telefax: 55 48 3621-3284

E-mail: [dayani.galato@unisol.br](mailto:dayani.galato@unisol.br)

Recebido em: 17/03/2007

Aprovado em: 19/04/2007